

Minha Sinfonia do Rio

Jório Dauster

Embaixador, tradutor e presidente
do conselho da Brasil Eco Diesel



Tive o melhor, se não dos dois mundos, certamente dos dois Rios: passei minha infância e juventude na Tijuca e, dos 17 anos em diante, morei na Zona Sul. Assim, fui no começo da vida um típico personagem dos Anos Dourados — estudante do Colégio Militar fortemente ligado ao Instituto de Educação, onde minha mãe era professora e minha irmã era aluna — para depois gozar daquela época divina de Copacabana e Ipanema, a segunda metade dos anos 1950, que, em agradecimento pelas muitas graças recebidas, brindou a humanidade com a Bossa Nova. Difícil explicar a sensação estuante de passar o dia no Arpoador, batendo papo, jogando linha de passe, pegando jacaré em ondas amistosas, e ver o sol dar aquele espetáculo irreproduzível ao se pôr detrás do Dois Irmãos, sabendo que ainda viria uma

noite de violão e música boa de dançar, Dolores Duran no Beco das Garrafas...É muito chato ficar tirando uma de saudosista, mas parece incrível que os jovens de então pudessem se badalar lindamente turbinados por algumas Cuba Libres e Gin Tônicas, sem drogas e sem violência.

Como diplomata, passei grande parte da minha vida adulta fora do Rio, até porque o Itamaraty teve de mudar-se para Brasília. Só quando assumi a presidência da Vale do Rio Doce, em 1999, voltei a viver no Rio e, embora mantenha uma casa em Brasília, o bom mesmo é ver as Ilhas Tijucas do deck do meu apartamento na Barra. Tendo conhecido uma boa parte do planeta, nunca vi lugar mais lindo, mais apaixonante do que esta cidade. Mas é pena que as autoridades se revelem impotentes ou inapetentes para conter a destruição do verde que cobre essas montanhas mágicas e a poluição que emporcalha nossas praias, enquanto a bandidagem desenfreada impede que exerçamos o direito mais humano de passear pela orla sem correr risco de vida.

Mas o Rio ganha mesmo é pelo conjunto da obra, o somatório de tudo. Imagine, por exemplo, compor uma imagem em que entrem coisas como a vista da enseada de Botafogo num dia de sol radioso; aquele tremelicar das entranhas quando a bateria de uma grande escola explode no Sambódromo; o primeiro mergulho no mar e o primeiro gole do chope gelado; o Theatro Municipal numa noite de gala; o grito de gol no Maracanã num dia de Fla-Flu decisivo; a cordialidade gratuita de alguém que você nunca viu e jamais reverá. Cada um de nós tem sua própria colagem de vivências, sua sinfonia do Rio.

E acho que ninguém é carioca impunemente, para o bem e para o mal. Uma bela característica de gente que nasceu aqui está na capacidade de rir de si mesmo, de não levar as coisas de forma tão séria que prejudique a alegria maior de estar vivo. Creio que esse espírito algo moleque mas sempre criativo esteve comigo por onde andei e só queria que ele não se perdesse ao peso de certas forças desagregadoras que hoje se sente nas ruas e nas casas do meu Rio. ■